

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO: JOSÉ BARÃO • EDITOR: MANUEL RODRIGUES ÁLVARES • DELEGAÇÃO EM LISBOA - TELEFONE 31839 • AVENÇA
 REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DA PRINCESA, 54 - VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO - TELEFONE 254 • COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: GRÁFICA DO SUL - V. R. S. ANTÓNIO

Um donativo de 1.800 escudos para os pobres do "Jornal do Algarve" oferecido pelo sr. dr. Lino Celorico Drago

OS gestos beneméritos de alguns dos nossos leitores, que já tivemos o prazer de referir nas nossas páginas, há agora a juntar mais outro (o mais valioso de todos) que partiu do sr. dr. Lino Celorico Drago, nosso ilustre comprouviciano e prezado assinante.

Eis a carta que dele recebemos:

Lisboa, 8 de Novembro de 1958
 Sr. Director do Jornal do Algarve

Dada a impossibilidade de o fazer pessoalmente, junto envio um vale de correio da quantia de Esc. 1.800\$00, que me foi arbitrada pelos Meritíssimos Juizes do Tribunal da Boa-Hora, de Lisboa, na sua Douta sentença de 24 de Junho último, proferida na Acção Especial de Prestação de Contas que correu seus termos sob o n.º 6221, pela 2.ª Secção da 1.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, e que eu destino, e peço o favor de ser distribuída pelas pessoas mais necessitadas e protegidas do vosso jornal.

Do mesmo modo, e a meu pedido, foi entregue pelo Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, ao jornal «República», a quantia de Esc. 1.420\$40, que foram os juros totais produzidos pelo depósito de 35 contos, naquele Banco, de 16 de Julho de 1953 a 27 de Outubro findo.

Pela publicação, se torna muito grato, e prescinde de agradecimentos, o admirador do simpático e brilhante Jornal do Algarve, que o cumprimenta, Senhor Director, e lhe deseja as maiores felicidades,

(a) Lino Celorico Drago

Dando satisfação aos desejos do sr. dr. Lino Celorico Drago, resolvemos que a importante quantia

Conclui na 8.ª página

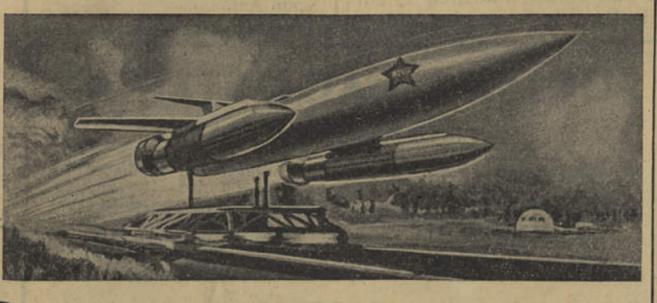
UM TELEGRAMA dos membros da VII Conferência Luso-Espanhola ao director geral da C. P.

DURANTE o almoço oferecido em Sagres pelos delegados portugueses aos delegados espanhóis da VII Conferência Ferroviária Luso-Espanhola e ao qual assistiram também representantes dos organismos de turismo do Algarve e da Casa do Algarve, foi enviado o seguinte telegrama ao sr. eng. Espregueira Mendes, director geral da C. P.:

Os abaixo assinados reconhecidos pela gentileza do convite para assistirem ao almoço em Sagres da Conferência Ferroviária Luso-Espanhola

Conclui na 2.ª página

A VERDADE SOBRE OS PROJÉCTEIS DIRIGIDOS



Os serviços secretos conseguiram reconstruir um dos projecteis-foguetes russos de alcance intercontinental.

Balganine e Eisenhower chegaram a ameaçar-se mutuamente com o projectil intercontinental.

Hitler perdeu a guerra por três razões: 1.ª — Ante Danquerque, ao deixar reembarcar o exército inglês; 2.ª — Ao repadiar e não querer admitir a supremacia da autopropulsão sobre todos os outros sistemas de propulsão; 3.ª — Em Smolensk ao perder totalmente a batalha de Moscovo.

(Ver artigo na página 6)

III — RECORDANDO O LICEU DE FARO



Sr.ª Ofélia Azinheira

“O nome do nosso grande lírico, do algarvio ilustre que é grande nome nacional deve voltar a figurar na fachada do edifício logo que o Liceu de Faro possa ter designação diferenciada»

— diz-nos a sr.ª dr.ª Ofélia de Mendonça Azinheira, professora do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho

ENTREVISTADA de hoje, sr.ª dr.ª Ofélia de Mendonça Azinheira, professora efectiva do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho é figura soberbamente conhecida das gerações que passaram pelo Liceu João de Deus porque nele estudou e longos anos exerceu o magistério até que em Julho de 1948 trocou Faro por Lisboa onde já residia quase toda a sua família.

Nascida em 1900 na pitoresca freguesia de Pechão, do concelho de Olhão, a sua alma vibra por tudo o que respeita ao Algarve e às suas gentes e, mesmo em Lisboa, muito lhe apraz descobrir nas suas alunas qualquer costela algarvia. Eis porque nos acolheu gentilmente, com aquele sorriso de sempre.

— Que factos da vida académica recorda, a D. Ofélia?

— Oh! São tantos e tão gratos à minha memória... As festas do 1.º de Dezembro, as recitas no ginásio do Liceu ou no Cine-Teatro, a sessão literária de 8 de Março de 1920 e as excursões a Silves e a Lisboa, uma dirigida pelo professor

Conclui na 8.ª página

LACÓBRIGA A ABANDONADA!

por J. AMÂNCIO SALGUEIRO JOR.

HOSSANA! Hossana! Lacóbriga! Oh! Velha Amiga que me criaste e me embalaste em berço de ouro na tenra mocidade!

Tu és a mais antiga reminiscência da minha infância! Tu és o primeiro filme que a minha memória gravou!

E, porque foste a ama que me criou e és, também, berço e túmulo do meu velho e grande Amigo, eu te saudo, Lacóbriga. Eu te sou infinitamente grato.

Eu sinto ainda o teu doce e suave clima, o afago das tuas águas, em que aprendi a nadar.

Eu vejo sempre — e com que infinita saudade — o brilho intenso do teu Sol, o cristal azulineo da tua bafa, onde me fiz marinheiro e as tuas areias de marfim tão suaves ao meu olhar e às minhas correrias.

Dei-te a minha mocidade. Destete-me os teus encantos maravilhosos.

Afastou-me de ti o Destino; mas não conseguí nunca afastar de ti o meu pensamento.

Passaram os anos — e já tantos — e cada vez mais preso a ti me sinto pela mocidade que em ti vivi.

Nesta febre de desenvolvimento turístico, neste anseio de mostrarmos ao Mundo todas as maravilhas da nossa terra, eu sinto, Lacóbriga, uma mágoa imensa ao ver que durante decénios tens vivido esquecida e abandonada.

Ah! Se eu pudesse, Lacóbriga, de ti faria a rainha das praias. E' que tenho por ti aquela fidedesenvolvimento turístico, neste anseio de mostrarmos ao Mundo todas as maravilhas da nossa terra, eu sinto, Lacóbriga, uma mágoa imensa ao ver que durante decénios tens vivido esquecida e abandonada.

Conclui na 8.ª página

COMEÇAM HOJE AS COMEMORAÇÕES OLHANENSES

CORTEJO DE OFERENDAS em Lagos

POR iniciativa da respectiva comissão administrativa, deve realizar-se amanhã em Lagos o segundo cortejo de oferendas a favor do Hospital da Misericórdia daquela cidade. Decerto os lacobrigenses não regatearão o seu auxílio à benemérita instituição e, assim, dada a colaboração do comércio, indústria e agricultura e de uma maneira geral de todas as actividades rurais, é de esperar um êxito semelhante ao do primeiro cortejo, que se realizou há cerca de 7 anos. As Juntas das freguesias rurais têm conseguido inúmeras oferendas, contando a de Bensafim levar à sede do concelho mais de 15 carros carregados de cereais, legumes e outros géneros.

Conclui na 8.ª página

PERCALÇOS!



Não há ninguém que se possa gabar de não ter sofrido um percalço ou um amargo de boca na sua vida profissional. E' o caso do manequim Joy Key — aliás um belo manequim de carne e osso. Envervou um fato de praia para se exhibir ante possíveis clientes — e aconteceu o pior: o fecho «clair» não correu e o efeito propagandista da fatiota foi-se por água abaixo. Ou não se tratasse de um fato de praia!

Um percalço profissional bastante desagradável e economicamente desastroso.

Conclui na 8.ª página

FORAM ATRIBUÍDOS OS PRIMEIROS PRÉMIOS DO CONCURSO-PASSATEMPO «ACERTE, SE É CAPAZ!»

COMO noticiámos, efectuou-se na nossa Administração o sorteio para a atribuição do 1.º e 2.º prémios aos concorrentes com maior número de respostas ao cupão n.º 1 do nosso Passatempo.

O sorteio realizou-se na noite de terça-feira, perante o corpo redactorial e administrativo do Jornal do Algarve, cabendo o primeiro prémio ao sr. João Manuel Lázinha, concorrente n.º 660, da Covilhã e o segundo ao n.º 210, sr. Manuel Alfredo Afonso, de Vila Real de Santo António, a quem endereçamos felicitações.

Numeroso grupo de concorrentes alcançou o máximo de cinco respostas certas, nenhum atingindo a

VAI SER CONSTRUÍDO O EDIFÍCIO DOS C. T. T. DE OLHÃO

OLHÃO — Acerca da notícia que publicámos no número 83 do Jornal do Algarve, sobre o problema da construção do novo edifício dos C. T. T., que se arrasta há mais de uma dezena de anos, fomos informados pelo presidente da Câmara Municipal, sr. Lourenço Mendonça, que a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais e a Delegação dos

Conclui na 8.ª página

A saúde é a maior riqueza

Tão necessário como o café da manhã

O banho frio, de chuveiro, representa excelente exercício para a pele. Actua a circulação do sangue e proporciona agradável sensação de bem-estar, principalmente se for precedido de ginástica e seguido de fricção com toalha grossa e felpuda.

Diariamente ao levantar-se, faça um pouco de ginástica vigorosa. Em seguida, tome um banho de chuveiro e, ao enxugar-se, fricção o corpo com a toalha.

Conclui na 8.ª página



por CASIMIRO DE BRITO

Uma lição

Depois de um assunto insípido, e de outro imerecido (o tal dos poetas!), vamos a um tema mais prático, mais útil e mais poético também: o do lixo, da limpeza, de coisas mais ou menos afins com o lixo e com a limpeza.

Começarei por uma lição, uma bela lição que me deu um dia um amigo meu, estrangeiro, inglês por sinal, quando nos encontrávamos numa esplanada londrina à volta de um magistral copo de Coca-Cola. As tantas, na minha incorrigível (incorrigível?) maneira de ser de português de raça (aqui, sou algarvio de raça: estamos em Portugal — lá fora, era português de raça: estava em terra alheia! — alheia, mas não estranha, acrescenta-se...) deslizei em papéis um papel qualquer que tinha na algibeira, e, certamente (pois não é assim?), chão com eles... Vai o meu amigo inglês, John Gentleman de boa memória, dobra-se ligeiramente e apanha um por um, tintim-por-tintim, a papelada que eu tinha muito burguesamente jogado para o chão. Fiquei chocado, mortificado, amachucado! Era um grandíssimo pontapé que aquele amigo dava, não em mim mas, naquele momento, na terra que eu representava, embora subjectivamente... Mas quando o John se ergueu, ainda lentamente, notei nos seus olhos que ali não havia intenção de ofender — apenas um gesto natural, hereditário, o levava a apanhar os papéis do chão. Do mesmo modo que eu, que sou metódico até ao cúmulo (qual é o cúmulo do método?), e não tenho na minha secretária um único livro sem estar simetricamente arrumado, começo distraidamente por arrumar a livrinhada de qualquer amigo quando me aproximo e verifico que ali há o caos. Não fiquei chocado, pois, após um raciocínio instantâneo.

Mas pensei no nosso defeito (por deficiência de educação) de tudo jogarmos para o chão, seja no cinema ou na rua, seja uma ponta de cigarro ou uma casca de banana, quer se trate de um doutor com muitos anos de setentas e de cartapácios ou de um operário da fábrica da cortiça, quer exista perto de nós um cesto de papéis ou não exista nenhum cesto de papéis. É um defeito muito nosso mas, acrescento, por deficiência de educação. Corrigível, portanto.

Dessa correção, referindo-me ao caso especial da nossa cidade, virei dar cartas por uma semana destas, se me permitirem...

Certamente que há os que se vão gabar (para dentro ou para fora) que não têm esse defeito: para esses eu tenho um doce, porque não os acredito. Na medida em que só aceito excepções desta natureza na ordem de 1 para 10.000 de nós.

Os ingleses, que são os ingleses, ainda não perderam o defeito completamente: mas têm uma lei a propósito de veras interessante: por cada papel (ou casca de qualquer fruto, ou seja o que for) que jogarem para o chão pagará uma multa de uma libra, nada menos que 80\$00. Se entre nós se lançasse a multa de \$10 por cada resíduo lançado para o chão a nossa Câmara tiraria uma bela receita. E que tal a ideia?

NOTÍCIAS PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Vimos em Vila Real de Santo António, no domingo, o sr. dr. João Cardoso, nosso assinante em Silves. Com pouca demora, esteve em Vila Real de Santo António o sr. Luís Pessanha Domingos, nosso assinante em Lisboa.

Encontra-se em Vila Real de Santo António, com sua esposa, em gozo de férias, o sr. António Alvaras Pessanha, nosso assinante em Tanger.

Esteve em Vila Real de Santo António, de passagem para Espanha, o sr. dr. José Ortigão Gomes Sanchez, nosso assinante em El Alhendro.

Em serviço profissional, esteve em Vila Real de Santo António o sr. Armando Rodrigues, sócio da firma Gabinete de Contabilidade «Sindex», nossa assinante em Lisboa.

Regressou de Ceuta, acompanhado de sua esposa, encontrando-se já na sua casa de Monte Gordo, o nosso assinante sr. Fernando Félix da Costa Parra.

Depois de terem passado as férias em Vila Real de Santo António, regressaram às suas ocupações militares, os nossos assinantes srs. António Fernandes Martins Coelho e Júlio Martins Pereira.

Em gozo de férias, seguiu para a Figueira da Foz e Matosinhos o sr. Francisco Alves do Carmo Pessanha, nosso assinante em Vila Real de Santo António.

Encontra-se em Lisboa a sr.ª D. Susete Mendes Baptista Primitivo, esposa do nosso assinante sr. Alvaro Baptista Primitivo.

A fim de consultar a medicina seguiu para Lisboa a sr.ª D. Raquel Mariani Lorador.



Francisca de Sousa Parreira AGRADECIMENTO

A família de Francisca de Sousa Parreira, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, vem por este meio fazê-lo, patenteando a todos a sua mais profunda gratidão.

UM TELEGRAMA ao director geral da C. P.

Continuação da 1.ª página so-Espanhola manifestam a V. Ex.ª a expressão da sua maior simpatia, agradecendo a escolha da nossa linda provincia para a referida Conferência, prova do justo interesse de V. Ex.ª pelo seu progressivo desenvolvimento.

Tal deferência permite a esperanzosa confiança de que V. Ex.ª determinará em breve a melhoria das comunicações ferroviárias Lisboa-Algarve dando que o actual serviço de automotoras, já devido a V. Ex.ª, é presentemente insuficiente ao crescente aumento de passageiros, criando sérias dificuldades às inúmeras pessoas retidas nas estações por falta de lugares. Respeitosas saudações.

Na festa do Casino de Armação de Pera exibiu-se com muito agrado da assistência o Rancho Folclórico de Alte.

GAZCIDLA CAMPANHA DO NATAL Comunicado

Para simplificação do serviço, vantagem do público e também dos nossos serviços de distribuição, seria da maior conveniência que os clientes fizessem as suas encomendas a tempo de evitar que, como se verificou nos anos anteriores, se dê uma aglomeração de pedidos (e consequentemente de entregas) na segunda quinzena de Dezembro.

Nas vendas a prestações, liquidadas por meio de letras, a CIDLA comunica que o vencimento da primeira letra será sempre estabelecido para depois de 31 de Dezembro.

ECONOMIA

Valor da pesca em 1957

Eis os valores da pesca, em milhares de contos, no ano findo, nos vários portos, incluindo também o bacalhau:

Lisboa, 400.866; Leixões, 324.470; Aveiro, 163.526; Peniche, 66.219; Figueira da Foz, 46.959; Vila Real de Santo António, 46.428; Setúbal, 46.141; Sesimbra, 43.959; Viana do Castelo, 41.516; Portimão, 37.813; Olhão, 32.087; Nazaré, 18.586; Lagos, 16.165; Sines, 13.262; Cascais, 12.226; Tavira, 8.274; Fuzeta, 7.863; Quarteira, 7.104; Albufeira, 3.694; Douro, 3.467; Faro, 3.169; Trafaria, 2.464; Ericeira, 2.378; Póvoa de Varzim, 1.859; Vila Franca de Xira, 1.381; Barreiro, 1.226; Ancora, 1.128; Caminha, 888; S. Martinho do Porto, 774; Vila do Conde, 647 e Esposende, 276.

Excluindo o bacalhau que, como se sabe, é pescado em mares distantes e não é vendido em lota, verifica-se que no ano findo os portos que acusaram maior volume de pesca costeira foram os de Leixões (Matosinhos), Peniche, Vila Real de Santo António, Setúbal, Sesimbra e Portimão.

Planificação económica do Algarve

NA Casa do Algarve realizou-se anunciada conferência sobre «Planificação económica do Algarve» o sr. dr. Armando dos Santos Nogueira, o qual foi apresentado pelo nosso colaborador sr. dr. António de Sousa Pontes. Lamentavelmente a falta de espaço que semana a semana se agrava, não nos consente dar um extracto circunstanciado, tanto do trabalho da qual nosso prestante colaborador como da conferência do sr. dr. Santos Nogueira, que abordou os problemas da serra algarvia do litoral, das actividades económicas da provincia, designadamente das indústrias de conservas, condições de trabalho, posição perante os mercados externos, etc. Referiu-se também ao problema da florestação da serra, do aproveitamento dos sapais e à situação de pequenas indústrias como a corticeira.

Amigos de Monte Gordo

Conclusão da 1.ª página

te para se pronunciar, pelo que o projecto seguiu para o Ministério da Educação que não pôde sancionar o documento por não se tratar de um grupo cultural. O dito documento volta para baixo e acabou por ser acomodado numa gaveta. Evidentemente que os Amigos, em face disso, dispersaram-se, no que — hemos de concordar — fizeram bem, embora essa dispersão signifique prejuízo para o progresso da praia de Monte Gordo, a que uma dúzia de pessoas se dispunha a dar o seu esforço, o seu entusiasmo e o seu dinheiro. Parece porém que tudo isto — e ainda por cima desinteressadamente — não conta. Por isso os amigos foram à sua vida, por palpito, é claro, porque ninguém lhes disse oficialmente que os cadernos de papel selado em que foi redigido o projecto dormiam um sono letal numa gaveta.

Preço das conservas A firma Bohack, de Nova York, publicou há dias num jornal daquela cidade um anúncio informando de uma baixa de preços dos seus produtos. Quanto a conservas, diz o anúncio o seguinte: Bonito, duas latas de 6 oz., 39 cêntimos; filetes de anchovas, enrolados ou estendidos, duas latas de 2 oz., 23 cênt.; pasta de anchova, tubo de 2 oz., 21 cênt. e atum «white meat tuna», lata de 6 oz., 31 cênt.

Um ofício da Câmara de Tavira

COMO dissemos no nosso número da semana passada, recebemos do sr. Liberto Conceição uma carta acerca de outra que inserimos do sr. presidente da Câmara Municipal de Tavira e em que se faziam considerações a propósito de um artigo publicado no nosso prezado colega «Povo Algarvio», da autoria daquele senhor.

O assunto parece-nos que está já suficientemente esclarecido através do que naquele prezado colega tavirense se publicou. Efectivamente, o «Povo Algarvio» informou que não inseriria oportunamente a carta do sr. presidente da Câmara por se ter dado o caso do seu director estar ausente. Acompanhou a publicação com uma nota da Redacção em que tudo se esclarecia. Por sua vez o sr. Liberto Conceição diz na sua carta, que vimos publicada naquele colega, que considera injustas e imerecidas as referências que a propósito dos seus «Apelos, Sugestões e Alvitres» fez a Câmara Municipal de Tavira, afirmando: «Somos cidadãos livres e por isso nos julgamos com direito a poder erguer a nossa voz, embora modesta e simples, em prol da cidade que nos foi berço sem termos necessidade de nos cobrir com o manto diáfano do amor à nossa terra natal... E não temos essa necessidade porque não é de hoje nem de ontem que vimos lutando ardorosamente por uma Tavira melhor». Cremos que não há vantagem — nem o espaço de que dispomos o permitiria — em dilatar uma polémica infrutuosa. E se nos é consentido, faríamos um voto — que todos os tavirenses continuam de alma e coração e ladeando ocasionais e transitórios desentendimentos, a trabalhar por uma Tavira melhor! E para isto contam connosco.

FRIEIRAS... mesmo ulceradas

Só as tem, quem as deseja ter! Usando «QUEIMAX», desaparecer-lhe em pouco tempo. À venda nas Farmácias.

Amostra de luz eléctrica em Castro Marim

CASTRO MARIM — O roncar do motor que produz luz fluorescente para um estabelecimento local, veio acordar da quase letargia em que se encontra a população desta vila. Esta «amostra» de luz, faz-nos inquirir quando chegará finalmente a almejada luz eléctrica para iluminação pública e particular, há tanto tempo ansiosamente aguardada. — C.

LOTAS do ALGARVE

Vila Real de Santo António

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Maria Rosa (5.290\$00) and Norte (1.580\$00).

Olhão

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes N.ª Sr.ª da Piedade (67.555\$00) and Sr.ª da Saúde (57.507\$00).

Quarteira

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Pérola do Arade (2.160\$00) and Pérola do Oceano (825\$00).

Armação de Pera

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Valor da pesca neste período (71.507\$00) and Total (71.507\$00).

Albufeira

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Valor da pesca neste período (120.000\$00) and Total (120.000\$00).

Portimão

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes Flora (46.550\$00) and Trio (39.970\$00).

Lagos

Table with 2 columns: Name and Amount. Includes N.ª Sr.ª da Graça (50.760\$00) and Gracinha (37.885\$00).

NECROLOGIA

D. Francisca Folque Flores Faleceu em Vila Real de Santo António, de onde era natural, a sr.ª D. Francisca Folque Flores, de 80 anos. A saudosa extinta, que não obstante a sua avançada idade ainda conservava toda a lucidez e os invulgaros dotes de inteligência e de coração de que era dotada e que ainda há poucos anos sofrera o rude golpe da morte do seu esposo, o técnico de conservas Manuel Flores, era irmã do sr. Raul Folque Flores, industrial; cunhada da sr.ª D. Maria das Dores Brito Folque e tia da sr.ª D. Maria Carolina Brito Folque Socorro, casada com o sr. Pedro Martins Socorro, industrial e vice-presidente do Município Pombalino, e dos srs. dr. Raul de Brito Folque, médico, casado com a sr.ª D. Luísa Martins Socorro Folque; João Folque e Brito, industrial, casado com a sr.ª D. Maria Alexandra Coquenão Folque, e do sr. eng. José de Brito Folque, do Laboratório de Engenharia Civil, casado com a sr.ª D. Laura Saias Folque.

António Augusto de Seixas Faleceu em Lisboa, com 67 anos, o sr. António Augusto de Seixas, tenente da Guarda Fiscal, natural de Montalegre, casado com a sr.ª D. Esmeralda Jorge Alves de Seixas. O extinto, que era muito conceituado, residia em Sines onde também era armador da pesca, tendo colaborado no Jornal do Algarve com alguns artigos, muito judiciosos e oportunos, sobre o problema da mortandade da sardinha miúda. O funeral realizou-se da capela do Hospital Militar para jazigo de família no cemitério de Chaves.

João Fernando Serra Martins Vítima de um lamentável desastre, faleceu em Luanda, onde residia, o sr. João Fernando Serra Martins, de 21 anos, solteiro, natural de Olhão, filho da sr.ª D. Maria do Carmo Serra e do sr. Pedro Martins. Era um dedicado amigo do nosso jornal, de quem, com frequência, recebíamos cartas de incitamento, que muito nos sensibilizavam. As famílias enlutadas apresentam o Jornal do Algarve sentidos pésames.

Cine-Foz

DOMINGO, em matinée e soirée, Josélio, coração de ouro. (Para 6 anos). TERÇA-FEIRA, para cumprimento da Lei de Protecção ao Cinema Nacional, A menina da rádio. (Para 12 anos). QUINTA-FEIRA, Os sete cavalheiros da vitória, com Gary Cooper, Madeleine Carroll e Paulette Goddard. (Para 12 anos).

MOVIMENTO PORTUÁRIO

de 6 a 12 de Novembro ENTRADOS: Portuguezes «Zé Manel», de 926 ton., de Lisboa, vazio; Suíço «Laupen», de 468 ton., de Casablanca, com carga em trânsito; Francês «Penthievre II», de 2.630 ton., de Nantes, com folha de flandres; Portuguezes «Maria Christina», de 549 ton., e «Mira Terra», de 562 ton., ambos de Lisboa, vazios; Holandês «Njord», de 456 ton., de Casablanca, vazio. SAÍDOS: «Maria Christina», «Mira Terra» e «Zé Manel», todos para Lisboa, com minério; «Laupen», para Génova, com conservas e amêndoa; «Penthievre II», para Marselha, com carga em trânsito; «Maria Christina», para Lisboa, com minério; «Njord», para Avonmouth, com alfarroba.

Matemática 1.º e 2.º ciclos

Dão-se explicações. Rua Conselheiro Frederico Ramirez, 33 ou telefone 145 — Vila Real de Santo António.

Vende-se

Máquina de costura «Singer», em bom estado. Tratar na rua Sousa Martins, 1, em Vila Real de Santo António.

FURNAS LAGOSTEIRAS RESTAURANTE TÍPICO

Sobre grandes Viveiros, com vistas subterrâneas marítimas. ESPLANADA SOBRE O MAR Luz, Oxigénio e lodo a jorros INTERESSE ESPELEOLÓGICO Estrada do Guincho — CASCAIS — Telefone 089245

ENVVADAS

«Santa Ana» e «Santo Expedito», vendem-se. Complementos 11.º e 13.º 98. Motores novos «Deutz», instalado em 1955 e «Baudouin», em 1958. Encontram-se em Olhão. Recebem-se propostas em Lisboa, na rua Sampaio e Pina, 36-1.º, Esq.

PARA O VOSSO CASAMENTO PREFIRA A Fotografia Arnaldo Especializada em Reportagem

OATINE oferece-se-lhe o brinde de uma caixa do seu famoso PÓ D'ARROZ, absolutamente GRÁTIS, em qualquer cor moderna, à sua escolha...

ALHINHO Oculista Rua Ferreira Neto, 34 — FARO Executa todo o receituário médico, com a maior rapidez e perfeição

PANORÂMICA



COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

AS GRAVATAS SUA ORIGEM E EVOLUÇÃO

A GRAVATA é um adorno que tem dado origem a inúmeras anedotas, ao redor das quais se tece uma série infundável de episódios, na sua maioria intimamente ligados à História. Muitos desses episódios servem para lan-

ao lado das tropas francesas no princípio no século XVII. No entanto, a palavra «cravate» ou gravata parece ser ainda mais antiga. Além disso, nos princípios do século XVII, ninguém usava adorno algum parecido com a gravata tal

feitamente que tal tira fosse susceptível de ser substituída. Dez ou vinte anos mais tarde, quando o período de extravagância cessou, essa tira denominada «jabot», passou a ser mais simples, conservando no entanto a sua importância como objecto destacado da indumentária.

Seguindo a evolução da moda, o «jabot» transformou-se numa gravata ligeiramente atada ao pescoço, sobretudo ao chegar ao seu fim o solene cerimonial que regeu a época de Luís XIV. Em Agosto de 1692, deu-se a batalha de Steinkerque, onde os franceses, comandados pelo marechal de Luxemburgo, derrotaram as tropas de Guilherme III, Rei de Inglaterra e «Stathouder» da Holanda. Nesta batalha, os oficiais levavam uma espécie de «jabot» frouxamente atado, que desde então passou a ser chamado o «jabot» de Steinkerque. O período rococó, que se seguiu ao de Luís XVI, introduziu uma alteração no «jabot». A renda grossa transformou-se numa de rede vaporosa.

No período Luís XVI, a camisa aparece por vezes acima do colarinho, assinalando-se a aparição do colarinho descuidado, típico do século XIX. A gravata com nó surge então em Inglaterra.

Assim, um dos dois ramos paternos da gravata admite certa origem militar e guerreira. O outro ramo está representado pelo senhor dos condados e pelos cavalheiros das ilhas britânicas, o aristocrata da Europa pré e post-revolucionária, o cavaleiro das caças à raposa e das corridas de obstáculos no cam-

qual como a conhecemos presentemente.

Seja como for, a gravata é de origem militar e de uso sumamente prático. No começo do século XVII, o colarinho duro, de origem espanhola, foi substituído por um colarinho mais cómodo, atado à frente e debruado de renda, cobrindo completamente os ombros e prolongando-se às vezes sobre a parte superior dos braços. Ainda que tal atributo se pudesse considerar como motivo de luxo e ostentação, a verdade é que fazia parte do «cenário de fundo» da indumentária que caracterizava aquela época, constituindo uma espécie de reacção contra o anterior colarinho rijo e incomodativo.

No ano de 1633, um decreto de Luís XIII, Rei de França, proibiu o uso de tais colarinhos (collerettes) pois haviam evoluído ao uso a tal ponto, em amplitude, que os cavaleiros tinham a visão prejudicada com tantos trapos que se lhes agitavam perante os olhos quando galopavam ou combatiam em conjunto. Este inconveniente, segundo se crê, deu talvez origem ao uso de uma fita para atar as pontas das «collerettes» mais volumosas. Fita que, com o andar do tempo, se converteu na precursora da gravata.

Convém ter presente que, nos anos de 1630 a 1640, predominou a moda de trazer os cabelos muito compridos, o que influenciou a forma do colarinho, de onde resultou que dez anos mais tarde, na década de 1640 a 1650, surgiram os colarinhos com pontas largas na frente e que os militares, por conveniência, seguravam por meio de uma tira de renda atada à volta do colarinho. Como este período se caracterizou pelo luxo e esplendor, explica-se per-



A gravata de Henrique Pousão (Auto-retrato de 1867)

po, o homem dos ambientes rurais que, em qualquer lugar e circunstância, usava o seu traje de montar e a sua gravata atada em nó, da mesma maneira que o homem prático de hoje usa um cachecol de lã para se proteger contra os rigores do Inverno.

Durante os anos que precederam a Revolução Francesa, não há país cujo estilo e maneira de viver fossem tão admirados no continente europeu como aqueles que imperavam na Grã-Bretanha. As Memórias francesas da época narram exemplos que demonstram até que ponto chegava essa admiração. Os jovens elegantes de Paris deixavam-se levar pelos seus sentimentos até ao extremo de matizar o idioma francês com um sotaque inglês para se darem ares. Já não constituía o ideal dos homens serem cortesãos elegantes. Pe-



SERVINDO A LAVOURA CONVERSANDO SOBRE INSECTICIDAS

Pelo eng. agr. CLÁUDIO B. SEMEDO

(Do Boletim Agrícola, publicação mensal da SHELL PORTUGUESA)

NÃO se duvida já de o agricultor se ter habituado, desde algum tempo, a pensar na defesa das culturas contra insectos, utilizando os insecticidas que no mercado se encontram à sua disposição.

São porém de vária ordem os problemas que se lhe deparam, desde a escolha do produto mais adequado, até à época de aplicação, oportunidade de tratamento e doses a utilizar.

Evidentemente que muitos agricultores recorrem aos serviços oficiais ou aos técnicos agrícolas da especialidade, os quais, estudando o assunto nos seus variados aspectos, lhes dão os conselhos convenientes.

Resta porém um grande número daqueles que, não recorrendo aos serviços de quaisquer técnicos, se guiam por aquilo que julgam ser visto fazer ou ser a sua experiência e, muito embora troquem impressões com os mesmos, acabam por introduzir nas instruções recebidas, aquelas alterações que lhes parecem mais apropriadas ao seu caso. Queremos dirigir-nos especialmente aos do último grupo, pondo-os de sobreaviso contra os prejuízos materiais que podem resultar para si e até para outros, da má ou inadequada utilização de um insecticida.

Quando pretenda combater-se uma praga, antes de mais nada, deve conhecer-se o melhor possível a biologia do insecto que a constitui, isto é, deve ser conhecido o modo como se dá o desenvolvimento do insecto e quais os seus hábitos, ao longo do ciclo de vida.

Sabido este, para que a aplicação do insecticida possa ser feita com uma maior eficácia, permitindo a obtenção de resultados economicamente mais favoráveis, torna-se necessário conhecer qual a ocasião mais vulnerável para o insecto. Se nuns casos deveremos atacar as posturas, noutros deveremos combater as larvas ou ainda o insecto perfeito, e até no estado larvar, demonstrou-se ultimamente o facto, o insecto é mais vulnerável numa determinada altura deste estado, chegando a definir-se aquilo que tecnicamente foi chamado o «instar específico» (1).

Assim, se um fabricante coloca no mercado um produto ovidado, somente deverá ser aplicado quando se pretendam destruir as postu-

Acredite se quiser...

Em Miami Beach foi encontrada, no depósito de moedas de uma cabina telefónica, uma velha moeda romana, datada de há 1.600 anos.

Em Chicago a sr.ª Berenice Rilly queixou-se no tribunal de que o marido, de quem está separada, lhe dava 32 dólares por semana, mas apenas na condição de os gastar na mercearia de que é proprietário.

lo contrário, sonhavam em levar uma vida semelhante à dos «esquires» ingleses e, naturalmente, a sua maneira de vestir era um reflexo desse ideal.

Assim se explica a moda do período anterior à Revolução Francesa e a que imperou durante o Primeiro Império: botas de montar, e gravata enrolada. Essas gravatas usavam-se colocadas em volta do pescoço, enroladas de diante para trás, virando-se para meter as pontas para a frente, podendo ser brancas, com listas, ou pretas, dando-se preferência a esta última cor desde os princípios do século XIX. Pouco depois da Revolução Francesa, a gravata assume formas grotescas, cobrindo todo o pescoço e uma parte da barba. No século XIX continua esta tendência. O nosso século regista nova evolução e hoje a gravata está simplificada, sinal dos tempos que vão correndo.

ras do insecto e não para qualquer outro estado; se se tratar de um larvicida, para que empregá-lo contra posturas?

Lembre-se, senhor agricultor, que um ovidado terá por certo uma acção nula ou quase, se o utilizar contra um insecto perfeito ou uma larva. Mesmo o caso inverso de um larvicida usado para combater as posturas, de nada resultaria, salvo a mortalidade que poderia vir a ser provocada em larvas, depois da eclosão, havendo nessa altura de contar com o poder residual do larvicida, o qual pode ser afectado por várias circunstâncias; o seu dinheiro já gasto na aquisição e aplicação do produto, não lhe renderá!

O mesmo se lhe podia dizer referindo-nos a qualquer outro insecticida de fim específico e, por isso mesmo, não hesite em aconselhar-se com um técnico da especialidade e não pretenda alterar o fim para o qual o insecticida foi destinado pelo respectivo fabricante.

Outro aspecto muito importante, para o qual me parece de grande utilidade chamar-lhe a atenção, é o problema das doses de insecticida a utilizar. Estas, normalmente indicadas, pelo fabricante, nunca devem ser alteradas, salvo casos especiais que só um técnico a consultar poderá decidir.

Suponha, senhor agricultor, que, pensando em poupar dinheiro, resolveu deitar, na preparação de determinada calda, mais água do que aquela que lhe foi indicada! Fazendo a primeira aplicação, é natural que inicialmente colha alguns resultados, que o levarão a fazer segunda aplicação, nas mesmas circunstâncias e, nesta altura é que verificará que aqui e ali os insectos permanecem insensíveis ao ataque, continuam a destruir, desenvolvem-se e reproduzem-se e, o senhor... pensará em falsificação do produto, esquecendo-se do modo como preparou a calda.

Pois bem, é altura que lhe refira que, procedendo erradamente, diluindo demasiado a matéria activa utilizada, pode provocar, em conjunto com outras circunstâncias, o aparecimento de insectos resistentes, isto é, insectos que estão como que «vacinados» contra o produto que usou e que rapidamente, como se demonstra cientificamente, adquirem resistência a outros produtos, mesmo de matéria activa diferente.

Portanto, não altere de sua livre vontade, para seu bem e de todos nós, as doses de insecticida com que combate as diversas pragas, e aconselhe-o mais ainda a que se encaminhe para a alternância dos tipos de insecticidas a empregar na luta antiparasitária. Assim, se durante um ou dois anos contra uma determinada praga utilizou um insecticida, embora com bons resultados obtidos, não hesite num terceiro e quarto anos, em utilizar outro produto de matéria activa diferente e que técnico especialista lhe aconselhe; depois, poderá voltar de novo ao produto inicial.

Tendo presente o que acabo de lhe indicar e ainda a época de aplicação, creio que tirará bons resultados da luta química contra os insectos que destroem as suas culturas.

(1) - Um curto intervalo, em determinada fase da vida do insecto.

HORMONAS FEMININAS podem curar a arteriosclerose

NO Congresso Mundial de Cardiologia, recentemente realizado em Bruxelas, o dr. Katz, chefe de uma equipa de cientistas da Universidade de Chicago, revelou uma forma inesperada de «prevenir» e, até, em certa medida «curar» a esclerose das coronárias — com hormonas femininas.

Desde 1952 que um grupo de 280 homens que tiveram ataques coronários seguem um tratamento de hormonas femininas, tomando diariamente uma dose de dez miligramas. Em relação a outro grupo nas mesmas condições que segue tratamento diferente, verifica-se que do segundo grupo morrem três vezes mais de doença do coração que no grupo sujeito ao tratamento de hormonas.

Por sua vez, os drs. Anel Keys e Paul Dudley White, este médico assistente do presidente Eisenhower, revelaram que fizeram uma viagem à volta do mundo, durante a qual verificaram que a arteriosclerose é bastante mais rara e os acidentes cardíacos bastante menos frequentes entre os povos que consomem poucas gorduras animais. Os Finlandeses, que têm muito colesterol no sangue pois comem muitas gorduras, registam frequentes casos de infarto do miocárdio, o que não acontece nos países onde as gorduras só se utilizam em ocasiões especiais.

As experiências feitas pelos dois cientistas levaram-nos a concluir que o dosamento do colesterol no sangue permite evitar os acidentes coronários ou, pelo menos, diminuir o seu número.

Quanto colesterol deverá, pois, existir no sangue humano para se não morrer prematuramente?

Os drs. Moore e Page, que também se ocuparam do assunto, pensam que não deve ultrapassar 2,60 gramas. Além desta percentagem, entendem que os acidentes cardíacos são extremamente perigosos, mas tiveram o cuidado de esclarecer que uma percentagem inferior a 2,60 gramas constitui propriamente um «seguro de vida».

ANEDOTAS

A cena passa-se num avião. Os passageiros lêem tranquilamente os jornais, enquanto a hospedeira se ocupa dos seus afazeres. De repente, um rapaz de uns dez anos levanta-se do lugar, começa a puxar o cabelo dos passageiros, a andar de gatas no corredor, a cuspir «chewing gum» por todos os lados e por fim decide atrapalhar a hospedeira no seu trabalho. Esta ralha uma vez, duas vezes, até que, por fim, já desesperada, berra: — Ouça lá, meu menino, por que não vai brincar lá para fora?

O escocês Mac Kenrie — como todo o escocês, muito económico — reside em Londres. Depois de esperar seis meses, consegue dois bilhetes para determinado espectáculo. Na ansiada noite, há um lugar livre junto do seu. Um espectador, que está por detrás, bate-lhe nas costas e comenta: — Com a dificuldade que existe para arranjar bilhetes não percebo por que motivo esta plateia está livre!

Resposta de Mac Kenrie: — Destinava-se a minha mulher que, infelizmente, morreu!

— Mas não tinha um amigo que quisesse aproveitar o bilhete? — E' que todos os meus amigos estão a velar a morta!



Um arremedo de gravata no colarinho de renda do «Homem com bengala», de Franz Hals

car alguma luz sobre a evolução da moda. Sem dúvida, fácil é de compreender que a moda, mais do que qualquer outra coisa, mantém íntima relação com a mentalidade e os ideais de beleza que predominam em dado período. Tudo isso deve ser levado em conta ao considerar-se a origem e a evolução da gravata.

A palavra «cravate» (kravatte, evolucionando para «gravata» em português) provém de croatas, soldados mercenários que combatiam



Vestido de «toilette», em seda natural estampada, levando abaixo da cintura uma faixa enrugada que remata ao lado formando um «bouquet»



Maqueta do novo edifício administrativo que vai ser construído na Refinaria da S.B.II, em Stanlow, Inglaterra

3

COMO dissemos no último artigo, oficialmente em Trauen-Fassberg ensaiavam-se motores de aviação...

O curioso é que o ruído dos ensaios era constante, dia e noite, em toda a zona desolada dos vales de Orze. Operários vestidos com fatos de borracha anti-ácida viam-se no interior das câmaras de combustão gigantes, as quais estavam constantemente ensaiando.

Quase todos os dias se davam as mesmas ordens, com ar vibrante: «Sicherheit, Wachtordern!, Achtung, Sicherheit!, Fünf Minuten!». (Avisos de segurança! Atenção, segurança durante cinco minutos!). Os alto-falantes começavam a funcionar fornecendo elementos precisos. Os especialistas, reunidos, com as suas notas e os seus aparelhos de fiscalização, esperavam nervosos... atentos... às experiências. Estes mesmos ruídos, ensaios... e experiências repetiam-se 18 anos mais tarde, na Rússia (nos Urais), e nos E. U. A. (no Novo México). Os mesmos ruídos que precederem o fulgurante porta-satélite através dos iões e da Exosfera...

De momento trabalha-se... Atenção! Quatro, três, dois, um, ZERO! Um farol vermelho iluminava-se num extremo das salas de ensaio e uma voz dava as últimas ordens: «gasóleo!... dióxido de zinco!» O gás transformava o local num inferno, era impossível ouvir os alto-falantes pois o ruído era apocalíptico. Minutos depois cessava o ruído, a chama morria e os nervos tranquilizavam-se. Uma vez mais as paredes tinham resistido às formidáveis pressões térmicas.

«Ensaio terminado!», diziam os alto-falantes.

Helmut von Zborowsky

O «Luft Ministerium» pensava de Helmut von Zborowsky, cientista alemão da época dos ensaios: «É austero, intuitivo e de uma inteligência extraordinária». Aos trinta anos Zborowsky era autor de uma dúzia de inventos concernentes directamente à autopropropulsão. Antes e durante a guerra trabalhava

CASA - Aluga-se

De 1.º andar, com 7 divisões, sita na Avenida da República - Vila Real de Santo António. Quem pretender dirija-se à rua Matias Sanches, 44.

em silêncio. Mas com uma extraordinária eficácia.

Em 1957 encontrava-se em Paris dirigindo um laboratório de pesquisas semi-independente por conta da S. N. E. C. M. A.

A este homem deve-se, entre outras coisas, o «Coleoptero».

O projectil A-10

No ano de 1938 uma mulher chamada Irene Bredt ingressou na equipa de ensaios de Trauen-Fassberg. Acabava de casar com Eugen Sanger, que era um dos co-autores do A-10. Que é o A-10?

Lembra-se o leitor do projectil intercontinental de grande potência com que se ameaçavam mutuamente Bulgária e Eisenhower?

Lembra-se das «amáveis» propostas a que fez alusão o «não menos amável» senhor Khrushchev na altura do escândalo do Suez?

Pois aí tem o A-10. Acabava de ser transformado... Mas lembremos o seguinte:

A Navegação Interplanetária virá até nós como uma vaga alta, parecida à morte... — disse Eugen Sanger em 1955. Será incluída com a segurança de uma lei natural nos problemas terrestres, especialmente na navegação de altura. Da mesma forma que o navio de três mastros cedeu o lugar ao transatlântico; tal como o reactor substituiu a Mongolfiere e, por último, tal como a bomba atómica pulverizou a dinamite.

Por detrás de Hitler estava Goering. E Goering sabia o que fazia...

Em 1932 um «Serviço especial» foi criado nas oficinas de fabricação de armamento de Berlim. A direcção foi confiada ao físico Karl Becker, o qual teve um adjunto; este adjunto era um homem de 37 anos, ex-voluntário da guerra de 1914-18, que durante a mesma foi feito prisioneiro pelos franceses. Tratava-se de Walter Dornberger.

Os dois técnicos seguiam de muito próximo as experiências que efectuavam os da «Liga para a Navegação Interestelar», que continuavam sempre lutando com as intermináveis dificuldades económicas.

Um dia Becker mandou chamar o jovem Werhner von Braun ao seu escritório.

— Von Braun, temos necessidade de si, dos seus conhecimentos, da

A verdade sobre os PROJECTEIS DIRIGIDOS

sua capacidade, do seu trabalho e das suas experiências. Podemos facultar-lhe os meios para continuar as mesmas.

O olhar de Becker era grave quando acrescentou: — No entanto é noutra escala de trabalho... é numa via um pouco diferente daquela que tem seguido até agora.

Von Braun ouvia entusiasmado. A sua ideia tomava corpo. Desde a sua infância tinha desejado jogar a carta «Astronáutica». Que importância a vida! Uma coisa o preocupava: estudar, pesquisar, construir um autopropulsor que fosse capaz de sair da Atracção terrestre.

— Será posto à sua disposição um terreno apropriado — continuava Becker. — Se aceita dar-lhe-emos um lugar na Repartição de Fabricação de Armamentos.

Começa o «período Kummersdorf»

O centro encontrava-se situado não muito distante de Berlim, numa zona «Raums Militar Verboten», que estava equipada com máquinas das mais modernas em matéria de construção de autopropulsores.

Von Braun pôs-se a trabalhar apaixonadamente. Estudava quinze horas diárias os planos, os ensaios, as silhuetas dos tubos das câmaras de combustão, os novos carburantes, etc.

No que respeita à alimentação dos futuros projecteis, acabou por optar pela fórmula que lhe pareceu mais racional: oxigénio líquido e mais uma mistura de 75% de álcool metílico e 25% de água.

O primeiro projectil foi designado de «Aggregat I». Era uma cópia modificada de um protótipo já ensaiado pela Liga anos antes. O pulso-reactor pesava 180 kgs. e de-

veria elevar uma carga de 324 quilos. Tratava-se da futura V-I.

Multiplicaram-se os ensaios. Passou-se imediatamente ao «Aggregat II». Desta vez era um verdadeiro projectil. Foi lançado em Dezembro de 1934 na ilha de Borkum, na foz do Ems, no Mar do Norte.

O A-II chegou a atingir a altura de TRÊS QUILOMETROS.

Não era suficiente

Era necessário continuar... Mais alto! Mais forte! Mais rápido! Mas Kummersdorf encontrava-se mal preparado para continuar as experiências. No entanto a Repartição de Armamentos de Berlim tinha tudo previsto e tinha pensado em

Adaptado por Júlio Sáenz de la Torre do documento BÉBÉS LUNE ET VRAIS SATELLITES, de Philippe Harzer. Direitos reservados SELIT - IMPRENSA INTERNACIONAL. Direitos para Portugal do JORNAL DO ALGARVE.

tudo... excepto em ter um von Braun que avançava para a Alta Atmosfera com as suas botas de sete léguas.

Von Braun tinha passado as festas do Natal de 1935 em Breslau com sua família. Estava preocupado. Queria encontrar um sítio para os novos bancos de ensaios... os futuros lançamentos. Os pais de von Braun deram-lhe a solução sem querer, ao falar na costa báltica. «Por que não ensaias a Noroeste da ilha de Usedom?», lembrou-lhe a mãe. Lembrou-se da estadia com seus avós naquela parte selvagem e quase desconhecida da Pomerânia Ocidental. Alguns dias depois partia para Usedom, via Stettin. Explorou toda a região num carro militar. Efectivamente o Noroeste estava quase totalmente desabitado. Revestida de pinheiros marítimos e tojos, a região era frequentada por grandes cervos. Havia milhares de patos selvagens e galinhas de água.

«Deserto. Impressionante. Trezentos quilómetros livres em direcção a Este, para um futuro campo de tiro. Magnífico» — aponta von Braun no seu caderno de notas.

O terreno onde ia ser construída a Base n.º 1 de ensaios militares do II Reich (Grande Alemanha) tinha sido encontrado. Só restava edificar... PEENEMONDE!

Peenemünde

Edificou-se em dois anos. Quase imediatamente tomou a direcção da H. A. P. (Heeres Anstalt Peenemünde — Centro Militar de Peenemünde), Walter Dornberger.

O «Aggregat III» era um protótipo que tinha sido lançado já em Kummersdorf e foi de novo ensaiado. O projectil tinha sete metros de altura e devia elevar um peso de 534 kgs. Desgraçadamente não reagia às cargas que tinha indicado a Repartição de Armamentos de Berlim. Com efeito, não podia levar uma carga útil muito importante.

Von Braun insistia obstinadamente no seu único objectivo: a Astronáutica! Mas Goering e Kesselring nada queriam saber disso. O que pretendiam era um projectil que atingisse grandes distâncias, e que pudesse levar uma carga eficaz. A altura não lhes interessava. Uns bons quilos de explosivos, isso sim!

Apesar de tudo o «Aggregat III» foi lançado no fim do Inverno. Deu ensejo a que se efectuassem importantes observações sobre o futuro metal que seria necessário empregar nos aparelhos de comando e nos alerons do futuro «Aggregat IV»: o molibdénio.

Quinze dias de cálculo bastaram a von Braun para obter o gráfico do voo móbil e dirigível.

Quais foram as razões do atraso do lançamento americano?

O satélite em si? Os seus instrumentos?... Não. O princípio de todos os aparelhos dos «bebés-luas» são teoricamente conhecidos desde há mais de 20 anos.

Maus cálculos americanos? Não. É o metal!... Sempre o metal!... Ainda o metal! Metal que possa suportar a incrível exigência térmica dos tubos de escape dos gases.

O problema do satélite é desde logo um problema metalúrgico.

Os ensaios do «Aggregat IV»

Nos fins de 1938 começaram os ensaios. Desta vez era tudo muito diferente. Vejamos alguns números: peso, 13 toneladas; as turbobombas tinham uma velocidade de cinco mil voltas por minuto e o peso previsto era de 25 toneladas! Pedia-se muito à futura V-2, mas

corresponderia a muitas promessas... e até as ultrapassaria.

No entanto, a partir do Verão de 1939 a ciência ia passar «provisoriamente» para um segundo plano...

Paradoxalmente, ao chegar à altura que tanto procurou, o Fuhrer, ele próprio, de uma só penada retirou a prioridade aos centros de Peenemünde...

Por que perdeu Hitler a guerra? Eis aqui a resposta

Não acreditava na V-2. Hitler, que na Primavera de 1940 tinha visto a derrota da França, só acreditava numa coisa: no seu génio! Quando se deu conta do seu erro, von Paulus capitulava em Estalinegrado e os blindados de Malinovsky rolavam nas planícies da Ucrânia.

Febrilmente deu ordem em 1944 para intensificar a produção daquilo que a «propaganda Staffel» chamava «Armas secretas».

Simplemente... era demasiado tarde...

Os historiadores reconhecem que Hitler perdeu a guerra por três razões:

1.ª — Ante Dunquerque, ao deixar reembarcar o exército inglês (Tinha sido uma brincadeira de crianças para a Wehrmacht impedir o reembarcar).

2.ª — Ao repudiar e não querer admitir a supremacia da autopropropulsão sobre todos os outros sistemas de propulsão.

3.ª — Em Smolensk ao perder totalmente a batalha de Moscovo.

Graças a von Brauchitsch os ensaios puderam no entanto continuar na ilha de Usedom. Mas foi em 3 de Outubro de 1942 que a primeira V-2 foi colocada na plataforma metálica de onde voaria para a ionosfera... constituindo durante quinze anos o modelo tipo de todos os projecteis construídos por americanos, russos, franceses, italianos, etc.

Próximo artigo — A verdade histórica de Peenemünde.

Farmácia de Serviço

De hoje até ao próximo sábado, está de serviço a Farmácia Carrilho, Praça Marquês de Pombal, telefone 31.

NYLON FIOS E CABOS Para a pesca. Depósito. Caixa Postal 309 - LISBOA.

SOCIEDADE OCEANICA DO SUL, S. A. R. L. Rua de S. Bento, 178-1.º LISBOA. Motores marítimos: SKANDIA, KAMPER, ATLAS IMPERIAL SIMRAD — Sondas e rádios telefones para a pesca. Máquinas para a indústria de conservas: SUDRY ASSMAN — Aparelhos gravadores de som para ditado. Aparelhos descongeladores e de aquecimento para a indústria e conforto MASSER. Máquinas para café-creme EUREKA. Agentes em todo o Algarve

AUTOMÓVEIS usados E FOURGONETES PROVENIENTES DE TROCAS, DEVIDAMENTE REVISTOS. Não comprem sem consultar a Agência Citroën em Faro Facilidades nos pagamentos

ROLAMENTOS E CHUMACEIRAS RIV FABRICO ITALIANO PARA APLICAÇÕES INDUSTRIAIS REPRESENTANTES EXCLUSIVOS AUTO-LUSITANIA AV. DA LIBERDADE 73 A79-LISBOA

SULFATO DE AMÓNIO DO "AMONÍACO PORTUGUÊS" Esta é a sua marca

Crónica sobre João Cachené

Conclusão da 1.ª página

amigo dr. Sousa Carrusca, publicado no seu jornal n.º 76, venho na qualidade de, ou antes, na desvirtude de pequeno agricultor algarvio, tentar a merecida rectificação ao ponto de vista humanístico e finalidade política implícitos nas considerações respeitantes ao falecido trabalhador rural João Cachené, de muito saudosa e alegre memória.

O ilustre articulista que, pelo que se pode indagar da leitura do seu arrasoado, já entrou lamentavelmente na fase indesejável dos saudosismos caquéticos em que revela uma antijunvenilidade que pode comprometer as minhas ilusões de permanente mocidade espiritual com que me permito ainda uma colaboração directa na viragem dos torrões das nossas leiras cultiváveis, apresenta um problema que não tem, ao presente, mais de que um significado de historicidade agrícola, regional e infantil. Porquanto:

Primeiro — O João Cachené trabalhou dentro de um sistema técnico-agrário utilizado de há cinquenta anos para além, que só interessa sob o ponto de vista teórico e comparativo.

Segundo — O apreciado e choramingoso crítico retrospectivo da «santa resignação» trabalhista do recordado Cachené, talvez pretenda, algum tanto anacrónicamente, no seguimento das suas actuais considerações sociológicas, sugerir a terminação nos rurais, de quaisquer revivências de «resignação santificadora» que, por natural atavismo, ainda possam aparecer nas actuais gerações camponesas, gozadoras da mecanização agrícola moderna ou, pelo menos, daquela antiga tranquilidade campestre que estabelecia as duradouras amizades entre patrões e operários, numa solidariedade familiar em que eu participei e que a cínica execução das discutíveis teorias democráticas veio transformar na contudente fraternidade universal hodierna, patente aos olhos de quem queira ver, desde e com as duas últimas grandes guerras nossas contemporâneas. Suponho até que as actuais reminiscências do lirismo saudosista do meu prezado colega e amigo dr. Carrusca, resultem, em parte, da acção dos gases germânicos apanhados em qualquer das suas heróicas intervenções nas lutas flandrasas de 1916 a 18, onde, salvo desculpável erro da nossa parte, deu suficientes provas do sua galharda valentia. É possível que se trate de manifestação de patologia sentimental, visto sua excelência ter tido muito melhores oportunidades de atacar tão importante assunto de sociologia agrícola, dado que os grandes, médios e até pequenos tractores, têm resolvido generosa e serenamente, o problema da viragem dos torrões.

Mas há ainda, além de outros, um ponto de categoria profílica ou terapêutica referido nas lamentações do meu distinto colega.

É o do sol! O do sol escaldante nos meses de Julho e Agosto, sob a incidência térmica do qual o Cachené trabalhava alegremente nos tempos omissos e detestáveis da velha monarquia portuguesa.

Santo e resignado desconhecimen-

to da helioterapia moderna! Não digo nada da contemporânea porque essa, de certo modo, é muito de lamentar e de, sanitária e policialmente, ser corrigida por sensata determinação de qualquer direcção-geral de saúde, ou equivalente intendência na matéria, visto que, os suicidas nudistas que estendidos na areia escaldante das nossas praias tropicais pretendem fazer regressar a espécie humanizada aos fraternalismos zoológicos dos saurios, têm de ser postos à margem da futura civilização atómica interplanetária, pois não deverá permitir-se-lhes o direito de entregar o corpo, cancerizado ou desfeito em pústulas repulsivas, ao diabo que os carregará com muito gosto, antes de lhes aproveitar qualquer mínimo de inimico que porventura Deus tivesse atribuído aos seus primeiros progenitores, e que ao onitolerante tem de ser retribuído ou pelo menos devolvido, por paternal direito, como é de justiça.

É precisamente na época helioterápica e helioprática que o dr. Sousa Carrusca vem lamentar os que, no seu tempo de menino, trabalhavam satisfeitos sob o sol criador! Verificamos também pelas recordações do articulista, que nesses recuados tempos da sua mocidade se trabalhava no campo com manifesta alegria significativa de correspondente felicidade a que todos hoje aspiramos, sem êxito muito notório.

Actualmente, com todas as assistências públicas e particulares e fraternidades igualmente particulares e universais, acima ironizadas, onde está essa alegria no trabalho? Essa familiaridade solidária entre patrões e trabalhadores que se apregoa e pretende?

É claro que, com todas essas lamentações — aliás sem preocupação dos interessados — e com a sugestãozinha poética da prestimosa amizade do vate conterrâneo alportense — vai-se conseguindo insinuar a fácil aversão ao trabalho campestre, na mentalidade pouco compreensiva do campónio, passando este a aspirar, se não a qualquer parasitismo burocrático citadino onde sabe existirem os pagodes permanentes dos cinemas, futebolis, etc., a uma generosa supressão de horas de trabalho com mais remuneração, para se poder gastar o precioso tempo e dinheiro da vida da Nação e do povo em discussões acerca de nada, na taberna, no lupanar clandestino ou na propagandazinha e estudo de teorias e práticas ideológicas «anacrónicas», mais dissolventes e menos camufladas que o formoso artigo do meu ilustre colega e arcaico republicano dr. Sousa Carrusca.

Como este comentário já vai longo perante o precioso espaço disponível no vosso conceituado jornal, deixaremos para outra ocasião, mais ou menos próxima e oportuna, o que ainda há a dizer sobre as cedeas e as energias referidas na prosa do brilhante articulista do João Cachené.

Torre dos Frades, Setembro de 1958.

a) António C. Drago

J. A. de Araújo

ARTIGOS DE PESCA

Fios Nylon para redes, Anzóis, Canas, Carretes, Amostras, etc. etc.

25 - Rua Remolares - 27

15 - Travessa dos Remolares - 15

Telefone 25608 LISBOA-2

para manter firmes os dentes postiços



BLANDY BROTHERS & C.º L.ª LISBOA

ACTUALIDADES DESPORTIVAS

FUTEBOL

Campeonato Nacional (II Divisão)

Comentários por ENCARNAÇÃO VIEGAS

A "única" equipa em campo, ganhou o encontro...

Olhanense, 3 - Portimonense, 1

A disputa verificada no Estádio Padinha, e de cujo resultado dependia o segundo posto da tabela, resolveu-se favoravelmente em relação à equipa da casa, na verdade aquela que produziu mais a ideia de futebol. Sem ser brilhante, mas apenas suficiente, a turma Olhanense ao longo dos noventa minutos do prélio mostrou-se sempre mais intencional e ligada, muito embora nem sempre a mutação defesa-ataque tivesse sido feita nos clássicos moldes de bola junto ao terreno.

No entanto, entre o Olhanense e o Portimonense do passado domingo existiu uma diferença de valor bastante evidente. Poderão os barlaventinos alegar a circunstância de alguns dos seus elementos se terem lesado no decorrer da partida, mas esse facto não pode de qualquer modo justificar a manobra desconexa que a turma apresentou, jogando sistematicamente pelo ar, em pontapés para a frente e de qualquer modo, sem uma acção global definida, sacrificando mesmo a ideia de «association» ao esforço individual, antecipadamente conde-

nado ao malogro. Depois, a equipa acusou ainda uma má condição física, a tal ponto que a partir do quarto de hora do segundo período começaram os portimonenses a perder muitos lances por «falta de pernas», desenrolando-se o jogo quase sempre no seu meio campo por insuficiência dos avançados em segurar o esférico. Daí resultou uma acção exaustiva da defesa da Praia da Rocha, que passou por muitos transe aflictivos no trecho final do prélio. Um mérito porém tiveram os visitantes: sempre que se aproximaram da baliza olhanense, alvejaram-na sempre mais perigosamente do que os locais, rematando com mais potência e melhor direcção nos remates.

O Olhanense, como dissemos, não atingiu grande plano; mas não há dúvida de que foi o quadro mais consciente no rectângulo, procurando os espaços vazios, muito embora algumas vezes imprecisos nos passes, mas dando sempre a ideia de ligação, ao contrário dos visitantes, que foram apenas «onze jogadores» e às vezes nem isso...

SERÁ SÓ INFELICIDADE?

Sacavenense, 2 - Farense, 1

É incontroverso que o Farense tem sido uma equipa abandonada pela sorte no actual campeonato, mas, salvo melhor opinião, parecem-nos que não se devem justificar os desaires da turma apenas com a infelicidade. Agora em Sacavém voltou o «team» alvi-negro a succumbir perante uma turma animosa e

com gana, mas inegavelmente de menor valia técnica.

E quando falamos em valia técnica queremos referir-nos ao valor comparativo dos elementos dos dois quadros. Pois, apesar dessa superioridade individual dos algarvios, estes foram subjugados pelos visitantes, que, usando uma voluntariedade e genica invejáveis, puderam averbar um triunfo sobre uma turma de «profissionais» mas que inexplicavelmente (?) não consegue encontrar-se.

No último domingo ainda a equipa de Faro fez o primeiro tento da partida, situando-se em posição de vencedora, mas ao que rezam as «crónicas» abandonou o ritmo até então utilizado, renunciando aos lances, apática, como se lhe não interessasse o resultado da partida.

Sinceramente, cremos que o Farense terá de arrearpar caminho. No futebol de hoje, não há lugar para «nomes feitos». É preciso, acima de tudo, espírito colectivo e não puxar cada um para seu lado. E' que às vezes, e depois de tantas vezes termos escutado a frase «os juniores estão muito verdes», quando defendemos o principio de fazer «escola» no clube, apetece-nos perguntar: Utilizando algumas das «promessas» que têm havido nas equipas juniores dos últimos anos, estaria a equipa pior classificada? Responda quem souber...

Jogos para amanhã:

FARENSE-Almada Juventude-OLHANENSE Atlético-PORTIMONENSE

«COCKTAIL»

oferecido à Imprensa pelo dr. Paul Boyer de Belvefer

No salão do Restaurante Alvalade, em Lisboa, o biologista sr. dr. Paul Boyer de Belvefer ofereceu um «cocktail» à Imprensa portuguesa e estrangeira.

Aquele cientista é autor dum processo de estabilização da geleia real, produto segregado pelas glândulas cervicais da abelha, cujas virtudes farmacológicas e clínicas são bem conhecidas, em especial no campo da geriatria.

O sr. dr. Boyer de Belvefer, que estava acompanhado pelos sr. conde Mirandes Miranda, advogado Collin, adido de Imprensa Vincent, técnico Hess, e outras entidades, satisfizes os pedidos de esclarecimentos dos jornalistas e informou que Cocteau empregava regularmente a terapêutica da geleia real.

Durante o «cocktail» o sr. dr. Boyer de Belvefer, que é membro da Academia Internacional Americana de Nova York e de Biologia de Genebra, agradeceu a presença dos jornalistas e as referências que lhe foram feitas quando da sua apresentação, há cerca de um ano, pela firma Fernando de Oliveira & C.ª, representante e distribuidora da geleia real em Portugal.

Agradecemos os convites dirigidos à direcção e redacção do Jornal do Algarve.

Campeonato Distrital de Reservas

A primeira jornada do Campeonato Distrital de Reservas, deu-nos os seguintes resultados:

Portimonense, 5 - Silves, 0
Farense, 11 - Lusitano, 1

Jogos para amanhã

Silves-Lusitano (às 11 horas)
Farense-Olhanense (às 15 horas)



Torneio Distrital de Apuramento para o Campeonato Nacional da III Divisão

Boa recuperação do Louletano

Esperança de Lagos, 2 - Louletano, 4

Nos primeiros momentos da partida o Louletano manteve-se ao ataque, mas foi o Esperança, por intermédio de Santos e a passe de José António, quem criou perigo. Pouco depois, numa jogada bem conduzida, André atirou à rede lateral dando a sensação de golo.

A seguir Loureiro (Loulé) saiu do terreno sendo substituído por José António, e no declinar da primeira parte o Esperança fez o primeiro golo da partida por intermédio de Amílcar, a coroar magnífica jogada individual de José António.

Logo no recomeço da partida o mesmo José António correu com o esférico para a linha de cabeceira, «driblou» um adversário e deu-o atrasado a América, que não teve dificuldade em colocar o resultado em 2-0, favorável ao Esperança.

Depois começou o ascendente do Louletano quando ao cortar um centro, Boto fê-lo com tanta infelicidade que anichou a bola na sua própria baliza, para logo a seguir Bento repor a igualdade. Sempre a jogar com mais oportunidade e sobretudo com mais fôlego, o Louletano marcou ainda mais dois tentos, aos 55 minutos por Bento e logo a seguir por intermédio de Carneirinho em magnífica jogada individual.

Salientaram-se no Esperança: Cadete, Boto, Tó e José António, mas só enquanto as forças lhos permitiram.

No Louletano os melhores foram: Tavares, Bento e Carneirinho, o último especialmente no 2.º tempo.

A arbitragem a cargo do sr. Rosendo foi boa. — C.

Boa exibição do Lusitano

Lusitano, 5 - Silves, 0

Quem não assistiu ao desafio Lusitano-Silves certamente deve ter pasmado ao conhecer o resultado



BASQUETEBOLE

Campeonato Distrital 2.ª Jornada

C. F. «Os Bonjoanenses», 50
S. C. Olhanense, 42
(ao intervalo 20-17)

CFB: Brito (14), Adelino (7), Brenhas (10), Ferreira-Mendonça (4), Dias (7), Jesuino (8).

SCO: Pombinho (4), Flávio (12), Costa (2), Correia (10), Martins (5), Simões-Luis do O' (11).

Árbitro: Fernando Soares Leitão (GCO). Marcador: Gilberto Martins Ferreira (CFB). Cronometrista: José J. Óbrien de Oliveira (CFB).

Ginásio C. Olhanense, 51
S. Lisboa e Faro, 19
(ao intervalo 27-2)

GCO: Vicente (2), Pinto (27), Almeida-Bento (10), Lázaro (2), Franco (8), Graça (2).

SLF: Jorge (11), Rafael-Xavier (2), Alexandre-Cavaco (2), Silva (2), Hélder (2).

Árbitro: João Ludgero M. Serrano. Marcador: José Tomás Gouveia (SCO). Cronometrista: Joaquim Jacinto dos Santos (GCO).

S. C. Farense, 23
C. D. «Os Olhanenses», 21
(ao intervalo 11-9)

SCF: Salvador-Carlos (1), Estevinha (2), Mónica-Eurico (5), Bastardinho (6), Vinhas (11), Orlando-Semedo.

CDO: Simões (6), Ramos-Relvas (4), Luciano (3), Nunes (8), Serra-Canha.

Árbitro: Manuel Adano Inácio (CFB). Marcador: José V. Rosa Gouveia (CDO). Cronometrista: José Pedro dos Reis Alexandre (SCF).

Jogos para amanhã

C. D. «Os Olhanenses»-C. F. «Os Bonjoanenses» (C. L. Sousa, Olhão). S. C. Olhanense-S. L. Faro (C. Almeida, Faro). Ginásio C. O.-S. C. Farense (C. A. Gouveia, Olhão).

CASIGOS — A A. B. F. aplicou os seguintes castigos: a jogadores: Manuel Martins de Brito (SCO), 60 dias de suspensão a contar de 5-11-958; Domingos Joaquim Amaro Viegas (SCO), 6 meses de suspensão a contar de 5-11-958; a clubes: Sporting Clube Olhanense, interdição do seu campo de jogos por um período de 15 dias, a contar de 5-11-958.

final, porque um tal desnível de «score» não estava nas previsões dos mais «fanáticos». No entanto, os que viram o jogo creem que a conta final podia ser mais volumosa, pois os dianteiros do Lusitano tiveram muito mais oportunidades que não souberam aproveitar. Realmente, prevíamos uma luta renhida, um desafio disputado palmo a palmo, discutido até ao último apito do árbitro. Engano, puro engano! Começando ao ataque, os «lusitanistas» foram criando oportunidades sobre oportunidades, até alcançarem o primeiro golo, de há muito merecido e ansiosamente esperado. O Silves reagiu, e conheceu-se-lhe então o melhor período, sem contudo causar pânico aos encarnados, os quais voltaram à «carga» com insistentes ataques, infrutíferos, chegando-se assim ao descanso com um solitário golo.

No segundo tempo, depois da marcação do segundo golo o Lusitano passou a manobrar à vontade, jogando de maneira a confundir os silvesenses, que não conseguiram, apesar de todos os esforços, sustar a «avalanche», não sendo de admirar que os golos fossem surgindo como resultado lógico do melhor trabalho dos vila-realenses.

A equipa do Silves não nos mostrou a desenvoltura e segurança das épocas passadas. Do seu elenco destacamos o trabalho de Filipe, Pargana e Bravo.

Não destacaremos nomes no Lusitano, pois todos os jogadores actuaram a contento, formando um bloco único, jogando como de há muito os não víamos jogar. Oxalá a exibição de domingo seja muitas vezes repetida...

O trabalho do árbitro Nunes, teve o condão de ser imparcial.

Unidos Samb., 0 - Desp. S. Brás, 0

Jogos para amanhã

Desportivo S. Brás-Louletano
Silves-Unidos Sambrasense
Lusitano-Esperança de Lagos

A Associação castiga...

A Associação puniu com 3 jogos de suspensão o jogador do C. Desportivo de S. Brás, Sebastião Pereira Rodrigues Bruxo, por agressão a um adversário durante o jogo com o Unidos.

VENDE-SE

Prédio urbano, composto de rés-do-chão e primeiro andar, em perfeito estado, na Rua do Brasil, em Vila Real de Santo António, com o rés-do-chão desocupado. Trata: Manuel Clemente — Vila Real de Santo António.

Tanques em ligas leves (Alumínio)

PARA O TRANSPORTE DE COMBUSTÍVEIS LÍQUIDOS, LEITE, VINHO, CERVEJA, ETC.

(Brevet do Alumínio Francês 1.001.121)

Sendo mais leves que os de aço macio, permitem transportar um maior volume de carga, trazendo assim uma economia considerável

SONORTE

Sociedade de Estruturas Metálicas do Norte — SARL

Rua Justino Teixeira, 464 — PORTO

Telefones 53145/53146

LUÍS GODINHO, L.ª

ARMAZÉM DE CABOS

Lonas, Alcatrão, Correntes, Amarras e todos os aprestos para navios e armações de pesca

CORDOARIA

de todas as qualidades e grossuras

Av. 24 de Julho, 1-F e 1-G — Esquina da Travessa dos Remolares, 2 a 8

Telefone 21001 — LISBOA

Acerte, se é capaz!

Conclusão da 1.ª página

garvio de maior densidade populacional é o de Vila Real de Santo António; e é a água a substância que predomina na composição de quase todos os seres vivos.

Alguns concorrentes enviaram respostas sem utilizar o cupão, as quais não podemos considerar; muitos outros remetem-nos o cupão em cartas, quando, mais economicamente, poderiam servir-se de postais.

Através da quantidade de cupões recebidos constatamos que o entusiasmo despertado pelo Concurso aumenta gradualmente, na medida da publicação dos cupões. Procurando corresponder a este interesse, que sobremaneira nos honra, vamos, a partir deste número, tornar ainda mais fáceis as perguntas e elevar para 3 o número de prémios a distribuir todas as semanas pelos concorrentes que apresentem maior número de respostas certas. E como estímulo para todos infor-

mamos que no final de «Acerte, se é capaz!» há ainda a considerar dois esplêndidos prémios que muito valorizam esta iniciativa. São eles:

Uma caixa com 100 latas sortidas de excelentes conservas de peixe, oferta da conceituada firma Pilotos & Capa, de Vila Real de Santo António, para o concorrente que tiver obtido maior número de primeiros prémios semanais;

Um magnífico receptor de rádio da marca «Mediator», modelo MD 1580 UC (corrente universal), oferecido pela conhecida Casa do Rádio, de António Dias Rodrigues, de Faro, ao leitor, concorrente ou não, que durante o Concurso consiga maior número de assinantes para o *Jornal do Algarve*.

Mãos à obra, pois, para a resolução das perguntas, agora mais fáceis e sempre de carácter instrutivo, e para a consecução de assinantes, dado que os prémios são realmente de tentar.

O edifício dos C. T. T. de Olhão

Conclusão da 1.ª página

Edifícios para os Serviços dos C. T. T., mandaram abrir concurso público para arrematação da empreitada de construção do edifício dos correios desta laboriosa vila. A base de licitação é de 1.128.026\$01 e na segunda-feira, na sede da Direcção-Geral, proceder-se-á ao referido concurso.

Congratulamo-nos com tão boa notícia e com a satisfação da justa aspiração dos olhanenses, convencidos que para esta deliberação tiveram papel decisivo os reparos do nosso jornal, campeão dos legítimos interesses da província. — C.

Visado pela delegação de Censura

Recordando o Liceu de Faro

Conclusão da 1.ª página

Bernardino Barbosa e a outra, o grande sonho daquele tempo — visitar a capital do País — pelo que representava de difícil, vir, em 1919, do Algarve até cá, foi uma viagem maravilhosa. Visitas aos Jerónimos, Sociedade de Geografia, Museus, ao submarino «Espadarte» e ao Liceu Pedro Nunes onde assistimos a uma pequena festa seguida de baile.

«Como professora deixe-me evocar os almoços de confraternização realizados pelo corpo docente de Faro em Sagres, Vila Real de Santo António, Monchique e Praia da Rocha e ainda, no reitorado do dr. Dias Agudo, as festas levadas a efeito no Liceu. Chás em 31 de Dezembro de 1933 e 21 de Maio de 1934, jogos de ténis no campo anexo ao ginásio, cursos de alemão e encadernação e as lindas exposições de berços que se foram enriquecendo mais e mais nos últimos anos em que lecionei no nosso lindo Algarve.

— E que nos diz do rendimento intelectual dos seus colegas e dos seus alunos?

— O rendimento intelectual dos meus colegas foi muitíssimo grande e bastantes cursaram, com êxito, as Universidades distinguindo-se nos mais variados sectores da vida portuguesa. Devo mencionar, especialmente, Duarte Pacheco, o estadista que a morte ceifou arrebatadamente.

«Alunos aplicados tive vários como vários frequentaram a Universidade; muitos seguiram o curso do Magistério Primário. E já agora devo dizer que os estudantes do meu tempo trabalhavam mais. Liam, conheciam escritores portugueses e estrangeiros, escreviam, versavam, numa palavra, era uma juventude mais intelectual do que a de hoje. A mocidade de agora é mais desportiva mas não sabe ortografia e escreve mal. Aprende variadíssimas coisas, descendo aos pormenores desnecessários. Porque se tem abusado demasiadamente da imagem e ainda com a vida agitada dos nossos dias, os jovens de hoje estão cansados, olham mas não vêem, não ouvem, não fixam. No entanto eu confio neles e espero que saberão cumprir a missão para que foram chamados.

— Encontra muitos colegas e alunos, em Lisboa?

— Faz lá uma ideia! Não são muitos mas muitíssimos e todos me dispensam carinhos e atenções desvanecedores.

— De todas as festas do Liceu, quais distingue?

— Especialmente as do 1.º de Dezembro nos tempos em que a Tuna Académica tocava o «Hino da Restauração». As capas negras dos estudantes, o som dos instrumentos de corda e as pandeiretas com fitas de mil cores tinham sobre mim tal poder emocional que toda eu vibrava, ao ouvi-la. A sessão do 8 de Março de 1920, presidida pelo dr. Teixeira Guedes, reitor cultíssimo que legou ao Liceu a sua importante biblioteca, foi uma homenagem grandiosa ao poeta João de Deus. Além do discurso pelo professor Dentinho, houve recitações em grego, latim, espanhol, inglês, francês e português.

«Devo ainda citar as récitas com as revistas «Palmadinhas nos Carecas», da autoria do aluno poeta José Dias Sancho e «Ora toma», escrita pelos alunos António do Nascimento e Mário Lyster Franco. Em hilariantes espectáculos, com lotações esgotadas, mostravam-se brilhantes artistas muitos alunos do querido Liceu João de Deus.

— Como encara as confraternizações em Lisboa?

— Com entusiasmo tamanho que não perco uma. Desejaria muito que, ao voltar a Faro, na romagem de saudade que lá se faz de lustro a lustro, desejaria, repito, encontrar a Alameda como ela era dantes. Que desgosto me causou vê-la mutilada, sem estética nem perspectiva! Nas reuniões de Lisboa agrade-me muito a presença de profes-

Comemorações olhanenses

Conclusão da 1.ª página

monumento ao Patrão Joaquim Lopes, em Paço de Arcos, fazendo-se a concentração dos manifestantes às 10 e 50 na estação do Cais do Sodré. Na estação daquela vila serão recebidos festivamente pelas autoridades, corporação de bombeiros, Instituto de Socorros a Náufragos e agremiações desportivas e recreativas, organizando-se um cortejo até o monumento ao heróico lobo do mar que estará engalanado. Aqui evocará a figura do Patrão Lopes o sr. comandante Luciano Sena Dentinho, representante de Olhão, e falará em nome de Paço de Arcos um filho desta vila.

No regresso à capital, às 13 horas, efectua-se na Casa do Algarve, um almoço de confraternização.

O escritor Gentil Marques associou-se às comemorações olhanenses através do seu programa «Lendas da nossa terra», emitido semanalmente pelo Rádio Clube Português e emissor de Miramar, dedicando as duas emissões desta semana a Olhão. Apresentou a «Lenda do homem que era de Olhão», que foi ouvida com muito agrado.

Conclusão da 1.ª página

sos mesmo não algarvios. Se eles gostam de comparecer é porque qualquer laço espiritual os liga às camadas escolares do nosso Liceu. Bem-vindos sejam!

A sua amargura continuava estampada no rosto e insistiu:

— O cinquentenário do edifício da Alameda teria condigna comemoração se voltássemos a ver a comprida avenida das palmeiras com o matadouro ao fundo, quadro que os nossos olhos conservam desde há tantos, tantos anos!

Eis que o espaço impera e não podemos anotar mais considerações além das exigidas pela chave destas entrevistas.

— Compreende, sr.ª D. Ofélia, que desaparecesse o nome de João de Deus da fachada do Liceu?

— Não. O nome do nosso grande lírico, do algarvio ilustre que é grande nome nacional deve voltar a figurar na fachada do edifício logo que o Liceu de Faro possa ter designação diferenciada.

Maria Odete Leonardo da Fonseca

LACÓBRIGA

Conclusão da 1.ª página

lidade que Goethe definiu assim:

Quando tudo te for infiel
ainda eu te ficarei fiel
para que a fidelidade na Terra
não tenha de todo desaparecido.

Quando passo, em revista, tudo o que conheço, desde o Mar Báltico até aí, constato que nada há que ofereça as condições naturais que tu possuis ou te suplante na beleza e nos encantos.

Nada há que se iguale à tua praia sem rochas e até às tuas rochas sem praias.

Nesses longos quilómetros com que a Natureza te dotou nada ainda foi feito para te valorizar, como mereces.

Nem, ao menos, a tua Comissão de Turismo teve a iniciativa de criar um posto de observação que, diariamente, informe do teu clima e da temperatura do teu mar.

— Mas tudo nesta vida tem um princípio e um fim.

Assim, é-me grato verificar que os teus filhos começam a interessar-se por ti e que ora começa o despertar.

Já regularizam a margem direita da tua ribeira, numa grande avenida até à barra e amanhã será regularizada a esquerda, que irá decerto incluir os portos de pesca e de recreio.

Depois... depois... uma ponte giratória unirá as duas margens, em ligação com uma auto-estrada que, correndo à beira-mar, se perderá nos confins de Alvor. A seguir virá o resto. Ao sul da auto-estrada uma esplanada imensa com escadarias de acesso à praia. Ao norte, duas compridas avenidas com vilas, «chalets», vivendas de vários estilos, um grande casino, magníficos hotéis e pensões, cinema, teatro, uma grande piscina, campo de jogos, parques de recreio, edifícios para Correio, Telégrafo e Telefones, estação de Rádio, cafés-restaurantes, amplas garagens etc., etc., tudo instalado nessa enorme área e na encosta, com fértil arborização e bem iluminada, tudo isto fará da tua linda praia a melhor e a mais concorrida das praias de Portugal.

Não duvides, Lacóbriga. Entre as nossas tu serás rainha; e entre as outras não recearás confronto com qualquer, seja São Sebastião, Biarritz ou Nice, esta tão orgulhosa da sua praia e da sua Avenida dos Ingleses.

E, então, sim; se Salazar Moscoso cá voltasse teria a confirmação

Os C. T. T. no Algarve

Foi aumentada de uma unidade do grupo 1, a dotação das C T F de Aljezur, Castro Marim e Vila do Bispo.

DE TUDO PARA TODOS

A quadra de hoje

Hei-de lançar, podes crer,
Ao fogo as tuas chinelas;
Estou cansado de ser,
Na vida, capacho delas!...

MANUEL A. MOREIRA

O doce nunca amargou

Delícias de queijo — Batam-se 1 ovo inteiro e duas gemas. Acrescentem-se pouco a pouco 4 decilitros de leite quente, 180 gramas de queijo ralado, 180 gramas de miolo de pão esfarelado, sal, pimenta e deite-se tudo num prato de ir ao forno, untado de manteiga. Deixe-se cozer meia hora em forno moderado.

Gambém na cozinha se pode ser artista

«Mousses» de pescada — Provisões: 1 quilo de pescada (ou outro peixe) cozida em «court-bouillon», 100 gr. de manteiga, 1 decilitro de molho Béchamel frio, 1 decilitro de nata, um pouco de molho de «mayonnaise», dois ovos cozidos, dois olhos de alface, tomates ou beterraba.

Operações: Limpar o peixe de peles e espinhas, pisá-lo num almofariz com toda a manteiga, temperar de sal e pimenta, juntar o molho Béchamel e a nata. Formar com estes ingredientes um «purée» fino e ligeiro e dispô-lo numa saladeira ou num prato fundo, cobri-lo com molho de «mayonnaise» e guarneçê-lo com rodela de ovos cozidos, olhos de alface ou tomates, ou ainda beterraba.

Como eles pensavam

Deus não condenou o homem ao trabalho: condenou-o a viver, concedendo-lhe o trabalho como circunstância atenuante. — E. Legouvé

Faz sempre o que pareça difícil fazer. — Emerson

A posse da saúde é como a da fazenda que se goza gastando-a, e quando se não gasta não se goza. — Quevedo

Uso singular

Na véspera do Natal, no rigoroso inverno de Belgrado, realiza-se uma tradicional cerimónia religiosa: o arcebispo da cidade atira ao rio Save, do alto de uma ponte, uma grande cruz de gelo. Em seguida, inúmeros devotos jogam-se à água, então frigidíssima, para apanhá-la. Quem primeiro conseguir segurá-la e trazê-la para terra, ocupará o lugar de honra no banquete de Natal desse ano.

É agora não ria!

— Mamã — pede o Josézinho — podes arranjar-me uma madeixa de cabelo do papá?

— Pois não, meu amor! E voltando-se para o marido: — Nunca pensei que uma criança pudesse ter um pensamento tão afectuoso e delicado!

— Mas — conclui o garotinho — preciso também de cola, mamã, porque o cabelo é para pôr na cauda do meu cavalo!

UM DONATIVO

para os pobres do «Jornal do Algarve»

Conclusão da 1.ª página

seja distribuída pelos pobres na véspera do Natal, beneficiando o maior número possível dos nossos comprouvianos desprotegidos. Para esse efeito vamos remeter aos srs. presidentes das Juntas de Freguesia das seguintes localidades a verba de 200\$00 para ser distribuída por dez dos algarvios mais pobres das suas terras:

Castro Marim, Alferce (Monchique), Guia (Albufeira), Ameixial (Loulé), Bensafim (Lagos), Odeleite (Castro Marim), Odeceixe (Aljezur), reservando-se a quantia de 400\$00 para ser distribuída em Vila Real de Santo António pela Administração do *Jornal do Algarve*.

Em nome dos que vão ser contemplados agradecemos a generosa lembrança do nosso estimado comprouviano, confessando que não nos surpreende a sua acção louvável e humana.

Esperamos que outros algarvios, aproveitando este feliz ensejo, não percam a oportunidade de nos permitir — e com quanto regozijo o faríamos! — proporcionar na noite de Natal aos nossos irmãos de outras freguesias um pouco do conforto que a tantos falta e que a alguns sobra.

Junta Nacional das Frutas

O sr. eng. Alberto Ladislau Correia Vargues, delegado no Algarve da Junta Nacional das Frutas, recebemos um ofício a agradecer a colaboração do *Jornal do Algarve* na campanha do expurgo do figo.

Agradecemos a gentileza, parecendo-nos superfluo acrescentar que o nosso jornal tem as suas páginas sempre ao serviço do Algarve.

dos seus vaticínios quando, a propósito da organização do partido franquista, dizia:

Esta terra abandonada
Miserável, desprezível,
De todos, parece incrível,
Virá a ser desejada.
Será uma mansão dourada
Exalando aromas magos
Fonte pujante de bagos
Com teatros, coliseus
Num paraíso dos céus.
Agora salva-se Lagos.

Não percas pois a esperança, Lacóbriga amiga, porque os teus filhos começam a interessar-se por ti e far-te-ão justiça.

Amadora, Outubro de 1958.

J. Amâncio Salgueiro Jor.

ADUBOS

SUPERFOSFATOS 15%, 18% e 42% — em pó e granulados

SULFATO DE AMÓNIO — do Amoníaco Português e de «COBELAZ»

NITROCALCIAMON «COBELAZ» — com 20,5% de azoto (metade nítrico e metade amoniacal) contendo cal

SULFONITRATO DE AMÓNIO «COBELAZ» — com 26% de azoto (7% nítrico e 19% amoniacal)

NITRATO DE SÓDIO — com 15,5% de azoto nítrico

NITRATO DE CAL — com 15,5% de azoto nítrico

CIANAMIDA CÁLCICA, SULFATO DE POTÁSSIO e CLORETO DE POTÁSSIO

ADUBOS QUÍMICOS MISTOS, em pó e granulados

** **

S. A. P. E. C.

GRANDES FÁBRICAS EM SETÚBAL



LISBOA:
Rua Vitor Cordon, 19-1.º
Telfs.: 366426-366427-366428
366429-30715-30716-30717
Telegs.: SAPEC-LISBOA

AGÊNCIA NO PORTO:
Praça da Liberdade, 53-1.º
Telfs.: 23727 e 26444
Telegs.: SAPEC-PORTO



A sonda SIMRAD-Mestre
de visão panorâmica
A MAIS PRÁTICA E MAIS ECONÓMICA
COMPLETAMENTE ESTANQUE
ASSISTÊNCIA TÉCNICA GARANTIDA
SOCIEDADE OCEÂNICA DO SUL, S. A. R. L.
— AGENTES EM TODO O ALGARVE —

EXCELSIOR

Com esta tinta até um bebé pinta!

FABRICA DE TINTAS E VERNIZES «EXCELSIOR»
J. A. HONRADO & CALLADO, LDA.
TRAV. DO GIESTAL, 4 (R. Aliança Operária) Tel. 637106 LISBOA